

Arquivo Histórico de Joinville

Volume 2 Número 4 abr./1985

Criado pela Lei Municipal n. 1182 de 20/03/1972 na gestão do  
Prefeito Harald Karmann, tendo sido seu 1º Diretor A.B.Schneider

| <u>SUMÁRIO</u>   | página |
|--|--------|
| Editorial.....   | 1      |
| Relatório Bimestral de Atividades.....                                 | 2      |
| Julie Engell<br>Elly Herkenhoff.....                                   | 5      |
| Subsídios Históricos<br>Coordenação e tradução - Rosa Herkenhoff*..... | 9      |

Arquivo Histórico de Joinville - AHJ  
v.1, n.1, out./1983 Joinville, 1983  
Bimestral.

I. Documentação. História de Joinville.  
Periódico.

CDU 002:9(816.42J)(05)  
CDD 029.7098154005

Arquivo Histórico de Joinville

Prefeitura Municipal de Joinville - PMJ  
Prefeito: Sr. Wittich Freitag

Fundação Cultural de Joinville - FCJ  
Presidente: Prof. Miraci Dereti

- Conselho Curador -

Membros Efetivos:

João Luiz Sdrigotti - Rep. Poder Legislativo  
Apolinário Ternes - Rep. Corpo Docente da FURJ  
Germano Jacobs - Rep. Comissão Patrim. Hist. Arqueol. Art. Nat. Município  
Carlos Aduato Vieira - Rep. Cons. Munic. Cultura  
Dorival Casagrande Ramos - Rep. Sec. Plan. Coordenação

Membros Suplentes:

Cesar Condeixa Cabral - Rep. Poder Legislativo  
Otto Francisco de Souza - Rep. Corpo Docente da FURJ  
Telmo Pahl - Rep. Comissão Patrim. Hist. Arqueol. Art. Nat. Município  
Indio Negreiros da Costa - Rep. Cons. Munic. Cultura  
Luiz Gonzaga Ignácio - Rep. Sec. Plan. Coordenação

Arquivo Histórico de Joinville - AHJ

Equipe de Trabalho:

Carmen Buchholz - Datilógrafa  
Elly Herkenhoff - Historiadora  
Gessônia Leite de Andrade - Datilógrafa  
José da Silva - Auxiliar  
Maria Thereza Böbel - Tradutora de Alemão

AHJ, Jlle., 2(4) abril de 1985.

EDITORIAL

O nosso boletim apresenta-se, neste número, com uma nova feição, que acreditamos seja sugestiva e do agrado dos leitores, já que traz na capa um fac-simile da primeira página do "Kolonie-Zeitung" (Jornal da Colônia), o primeiro jornal impresso em Joinville e o primeiro em língua alemã na então Província de Santa Catarina. O Arquivo Histórico possui, presumivelmente, a única coleção existente no mundo. São 80 anos de circulação de um jornal que acompanhou, dia a dia, a história de Joinville, até maio de 1942. Esta coleção foi recentemente microfilmada na UFSC, e o Arquivo tem uma cópia dos microfilmes. Esperamos contar em breve com uma máquina leitora, para que nossos usuários possam dispor de mais esta importante fonte de pesquisa.

Relatório Bimestral mar./abr./1985

## 1. Atividades:

- 1.1 Dos dias 4 a 8 de março realizou-se no Rio de Janeiro um Seminário sobre Preservação e Conservação de Fotografias, sob o patrocínio da SEC/MEC/FUNARTE/InFOTO, e apoio cultural da Comissão Fulbright, United States Information Service (USIS), Instituto Brasil-Estados Unidos (IBEU), com a colaboração da PETROBRÁS. O Seminário foi realizado no auditório da PETROBRÁS, à Av. República do Chile, e despertou o maior interesse por parte das mais variadas entidades, fotógrafos, particulares, etc., contando com mais de 200 participantes de todo o país, número que superou em muito as expectativas. Os palestristas foram: Prof. Grant Romes, Conservador-Chefe do Museu Internacional de Fotografia da George Eastmann House, de Rochester; Prof. James Reilly, Diretor do Photographic Preservation Laboratory, Rochester Institute of Technology, USA; Pedro Vasquez e Sérgio Burgi, do InFOTO/FUNARTE; Guilma Vidal Viruez, Bibliotecária no Arquivo Nacional; Alta Barreto, do DEDOC; Yara Ferreira, do Departamento de Documentação do Arquivo Nacional. A responsável pelo Arquivo Histórico de Joinville, Maria Thereza Böbel, participou desse Seminário, trazendo muitas novidades em matéria de preservação, conservação e catalogação de fotografias, conhecimentos, no entanto, que só poderão ser postos em prática quando estivermos instalados no novo prédio do Arquivo Histórico, cuja construção, assim esperamos, seja iniciada em breve.
- 1.2 No dia 21 de março, Elly Herkenhoff e Maria Thereza Böbel participaram de uma reunião na Secretaria de Planejamento da Prefeitura Municipal, quando foram expostas as plantas

do projeto de Construção do prédio do Arquivo Histórico, executadas pela Habit. Será construído ao lado da Casa da Cultura, à Av. Brasil, antes do DNOS e temos motivos para acreditar que a construção seja iniciada no decorrer dos próximos meses.

- 1.3 Dos dias 1º a 3 de abril realizou-se em Curitiba um Encontro-Fotografia: Preservação e Memória, do qual participaram, pelo Arquivo Histórico, Elly Herkenhoff e Maria Thereza Böbel. O encontro versou sobre os mesmos temas do seminário no Rio de Janeiro, com palestras de Sérgio Burgi, Solange Zuñiga, do InFOTO/FUNARTE, Boris Kossoy, fotógrafo. Foi realizado no Solar do Barão, à Rua Presidente Carlos Cavalcanti, 533, com o apoio da FUNARTE, e organizado pela Casa da Memória da Fundação Cultural de Curitiba. Tivemos oportunidade de fazer importantes contatos com a Casa da Memória e Universidade Federal do Paraná, Departamento de História, e visitamos a Exposição "Fotógrafos Pioneiros do Paraná", projeto desenvolvido pela Casa da Memória da Fundação Cultural de Curitiba com convênio com a FUNARTE, e coordenado por Roseli Boschilia.
- 1.4 A 3 de abril do corrente ano, a Bibliotecária e Responsável pelo Arquivo Histórico de Joinville, Sarah Gomes, pediu demissão a partir de 01/03 por motivos particulares. Lamentamos a falta de D. Sarah no nosso quadro de funcionários e desejamos-lhe muito sucesso na função que vem ocupando desde o ano passado na Biblioteca Nacional. Com a saída de D. Sarah, assumiu a responsabilidade pelo Arquivo, Maria Thereza Böbel, tradutora de alemão, e que desde setembro de 1984 respondia em caráter interino.

|  |       |
|--|-------|
| 2. <u>Serviços realizados no bimestre:</u> |       |
| 2.1 Cópias xerox.....                      | 419   |
| 2.2 <u>Consultas:</u>                      |       |
| Jornais.....                               | 61    |
| Diário Oficial.....                        | 60    |
| História.....                              | 29    |
| 2.3 <u>Correspondência:</u>                |       |
| Expedida.....                              | 226   |
| Recebida.....                              | 25    |
| 2.4 <u>Encadernação:</u>                   |       |
| Enviados.....                              | 70    |
| Recebidos.....                             | 83 v. |
| 2.5 <u>Recortes de Jornais:</u>            |       |
| Recorte.....                               | 1967  |
| Classificação.....                         | 1967  |

Com alto apreço e distinta consideração,

Mui cordialmente,

Maria Thereza Böbel  
Responsável

AHJ, Jlle., 2(4) abril, 1985.

Julie Engell

Elly Herkenhoff

Qualquer pessoa que já se tenha ocupado com a história de Joinville, na parte referente aos primórdios da então Colônia Dona Francisca - assim chamada em homenagem à Princesa Dona Francisca, irmã de D. Pedro II - conhece o nome de Hermann Guenther, o engenheiro que para aqui viera, já em maio de 1850, incumbido pela diretoria da Sociedade Colonizadora de Hamburgo, de fixar o núcleo da colônia, demarcar os lotes de terra e, enfim, tomar todas as providências necessárias para a recepção da primeira leva de colonos, que efetivamente aqui aportou a 9 de março de 1851.

Um dos nossos primeiros cronistas, Theodor Rodowicz-Oswiecimsky, autor do livro "Die Kolonie Dona Francisca in Sued-Brasilien", editado em 1853 em Hamburgo, Alemanha, se ocupa, no capítulo II de sua obra, com as atividades do engenheiro Guenther. Diz o autor, após a transcrição parcial do relatório da Sociedade Colonizadora, publicado no primeiro trimestre de 1851:

"Simultaneamente quase com aquele relatório, apareceu no "Leipziger Illustrierte Zeitung" (Jornal Ilustrado de Leipzig) uma descrição atraente da colônia, enriquecida com belo desenho do desembarcadouro e das primeiras casas da colônia, com graciosos jardins etc., e ainda com o desenho de uma casa de colono, tal como poderia ser construída e fornecida aos colonos, com terras parcialmente já lavradas, ao preço de 250 táleres prussianos em moeda corrente.

Tudo dava a melhor impressão possível e o sucesso não se fez esperar. Pois antes mesmo que quaisquer outros convites à emigração para esta colônia fossem publicados, mais e mais emigrantes de todas as classes se apresentaram, desejosos de aqui tentarem a sua sorte.

Porque não depositar confiança em uma empresa, a cuja testa se encontrava um dos mais conceituados homens de negócio de Hamburgo? Depois, vários foram os boatos espalhados. O próprio Príncipe passaria a residir na colônia; a Imperial Corte Brasileira estaria vivamente interessada no florescimento da empresa. E, enfim, a perspectiva da ligação com a Capital, em futuro próximo, por uma linha de barcos a vapor, somada aos detalhes do relatório do funcionário Guenther, davam a toda a empresa uma relevo tal, que não foi nada surpreendente o vivo interesse geral despertado, fazendo com que muitas pessoas inclinadas à emigração, se decidissem pela colônia.

Infelizmente a realidade em muito difere dos relatórios, sobretudo quando elaborados por funcionários do quilate de Guenther. A designação desse homem para engenheiro e diretor interino, foi o primeiro golpe sofrido pela colônia, e foram inevitáveis as suas conseqüências..."

E mais adiante:

"Em companhia do coronel Vieira e do procurador do Príncipe Sr. Leonce Aubé, Guenther iniciou uma viagem de reconhecimento das terras da colônia, para determinar o local do início da colonização.

Ao final do primeiro dia, haviam alcançado o lugar onde, por ocasião de minha partida, ainda se achava o desembarcadouro. Ao que tudo indica, Guenther depressa se havia fatigado da inspeção, pois embora o coronel e o Sr. Aubé insistissem no prosseguimento da tarefa no dia seguinte, Guenther teimava em afirmar: "Pois aqui está muito bem". Foi assim que se decidiu a sorte da colônia, cujo início prova, pelo menos, a incapacidade de Guenther para o cargo que lhe fora confiado.

Em vez de fixar o núcleo da colônia o mais próximo possível da cidade de S. Francisco, o mais próximo que a extensão das terras da colônia o permitisse, ou pelo menos na parte provavelmente mais salubre, Guenther se enfiou no canto mais longínquo, no local que, na época, não passava de um lodaçal, pois obrigava qualquer pessoa, durante longo tempo ainda, a caminhar na lama até a barriga da perna. É bem verdade que agora, cada vez mais, se evidencia que a cultura transformará aquele local em um dos mais secos e salubres, devido ao seu subsolo arenoso e firme. Esse fato, porém, não se deve à perícia de Guenther. Trata-se de feliz coincidência, comprovada apenas posteriormente, ao passo que para Guenther e os primeiros colonos na realidade não existia senão um lodaçal..."

A referida obra de Rodowicz - hoje raridade bibliográfica - sempre constituiu uma das mais preciosas fontes de pesquisa para qualquer estudioso da história de Joinville, conhecedor do idioma alemão. O autor, que se apresenta como capitão engenheiro-geógrafo reformado e ainda como cavalheiro da Ordem de Leopoldo - sem especificar se da Ordem belga ou austríaca - aqui viveu durante mais de um ano, a partir de setembro de 1851, sendo, assim, pessoa absolutamente credenciada para opinar sobre tudo que se relaciona com a nascente colônia Dona Francisca e o seu núcleo Schroedersort (Vilarejo de Schroeder) assim chamado em homenagem ao presidente da Sociedade Colonizadora, o senador hamburguês Christian Mathias Schroeder. No entanto, o trecho acima traduzido do original alemão, surpreende pela aspereza da expressão do autor em

relação a Guenther - mesmo quando reconhece que o local escolhido pelo engenheiro se evidenciou, posteriormente, como sendo de subsolo arenoso e firme, podendo ser transformado em um dos mais secos e sacdáveis. Seria fundamentada uma tal animosidade?

Carlos Ficker, à página 116 de sua "História de Joinville", cita um artigo de autoria do Coronel Antônio João Vieira, na época fazendeiro no local do bairro do Itaum, o qual acompanhara Guenther na viagem de reconhecimento das terras. Diz o Coronel, a certa altura do artigo, publicado a 17 de fevereiro de 1852 no "Jornal do Comércio" do Rio de Janeiro:

"Não foi bem escolhido o local para assento do centro colonial por ser baixo e úmido em demasia, quando a pouca distância para o sul havia terreno elevado e enxuto, mais azado para o fim, onde hoje está construída a olaria, que foi indicado pelo Sr. coronel Antônio João Vieira e onde até não falta a vantagem de porto próximo e cômodo, que se acha a coisa de 300 braças do rio Boqueirão.

Não podem, porém, ser acusados deste erro, que tem dado motivo a algumas queixas, nem o atual diretor, o Sr. Eduard Schroeder nem o Sr. Aubé, procurador do Sr. Príncipe de Joinville, que nem estavam em S. Francisco na ocasião da escolha; mas sim o primeiro administrador mandado pela empresa que, vendo a beira do Cachoeira uma cabana construída pelo Sr. Frontin, sem mais exame e a despeito dos conselhos e admoestações do Sr. Coronel Vieira, teimou em construir ali as casas de depósito para a recepção dos colonos. Esse primeiro administrador desmentiu a confiança que nele se depositava, e já não existiria nem o núcleo colonial, se não tivesse ido à colônia o Sr. E. Schroeder..." - - -

Segundo Carlos Ficker, a acusação do Coronel Vieira não ficou sem resposta. A 21 de fevereiro do mesmo ano, Guenther fez publicar no mesmo "Jornal do Comércio" o seguinte texto:

"... primeiro tenho a dizer que o procurador do Sr. Príncipe de Joinville, o Sr. Leonce Aubé, achava-se pessoalmente presente no dia 22 de maio de 1850, e foi o dito Sr. Aubé que fez pessoalmente entrega da administração, por haver escritura pública da mesma data, cujo documento eu deixo no escritório deste jornal para ser examinado por todo aquele que se interesse a esclarecer-se a respeito.

Segundo: foi o Sr. Aubé tanto mais satisfeito com minha escolha do lugar onde deviam ser construídas as primeiras casas para recepção dos colonos, pelo duplo motivo de somente naquele lugar se achar a melhor água para beber e a

facilidade de comunicação para o porto de São Francisco pelo rio Cachoeira..." - - -

Por outro lado, Carlos Ficker, à página 58 de sua obra transcreve - no original francês - uma carta de Leonce Aubé a D. Pedro II, datada de 30 de agosto de 1850, na qual Aubé confirma ter seguido em companhia de Guenther para as terras do Príncipe. É o seguinte o texto em português do referido trecho da carta:

"Imediatamente após a minha chegada a S. Francisco eu me dirigi com o engenheiro enviado pelo Sr. Schroeder, para as terras das quais o Sr. Príncipe e a Sra. Princesa de Joinville fizeram concessão e lhe entreguei as referidas terras, a fim de que pudesse executar, sem demora, os primeiros trabalhos, isto é, a construção das casas ou ranchos destinados a acolherem os primeiros colonos à sua chegada." - - -

Assim, admitida a possibilidade de que Hermann Guenther tenha escolhido propositadamente o local onde se achava "a melhor água para beber", é perfeitamente lícito acreditarmos na possibilidade que ele, o engenheiro, tenha igualmente reconhecido o subsolo firme e arenoso - porque não?

No entanto, com razão ou sem razão, o certo é que Hermann Guenther foi sumariamente demitido por Eduard Schroeder, filho do senador Christian Mathias Schroeder, o qual, achando-se a negócios no Rio de Janeiro, resolveu, em princípio de fevereiro de 1851, vir até aqui, à colônia, a fim de inspecionar o andamento dos preparativos para recepção da primeira leva de imigrantes, já então em viagem desde os primeiros dias de janeiro daquele ano. Segundo Ernst Hildebrandt, autor da obra "Die Gruendung der Hanseatischen Kolonie Dona Francisca" (A Fundação da Colônia Hanseática Dona Francisca) o motivo aparente da demissão foi a grave desavença entre o engenheiro e Aubé. Pouco tinha sido feito pelo muito dinheiro gasto por Guenther, conforme Rodowicz, que, após relatar o fato acrescenta:

"Apesar de concretizada a demissão, Guenther não quis deixar de imediato a sua obra, tão cara a ele e à Sociedade. Tanto ele como a sua Engell fizeram o possível e o impossível para continuar no posto, molestando tanto o Sr. Aubé como o Sr. Schroeder com súplicas e promessas de toda a sorte. Os dois últimos, no entanto, consideraram absolutamente necessário, no interesse da colônia, não mais deixar nas mãos de Guenther a direção, mostrando-se inflexíveis". ---

(continua no próximo número)

Subsídios Históricos

Coordenação e tradução: Rosa Herkenhoff\*

Excertos do "Kolonie-Zeitung" (Jornal da Colônia) publicado na Colônia Dona Francisca, a partir de 20 de dezembro de 1862.

Notícia de 3 de setembro de 1865:

Colônia Brusque, 5 de setembro. - Mal nos dão um pouco de sossego os bugres, que há muito nos incomodavam, eis que surge outro elemento que põe em perigo a segurança dos habitantes e de suas propriedades. São os desertores que, provavelmente fugindo do Desterro, juntaram-se aqui e agem como assaltantes. Onde quer que se passe pela estrada, pode-se contar que um desses indivíduos surge no caminho pedindo primeiramente fogo, depois exigindo dinheiro. E, em caso de recusa, de repente saltam mais três, quatro, cinco indivíduos do mato, tomando o dinheiro a força. Nenhum morador da Colônia deixa a sua casa, sem estar armado de uma pistola bem carregada, como já estávamos acostumados a fazer em viagens para locais mais distantes, por causa dos bugres. E, além disso, essa gente ainda nos traz moléstias. Um dia, logo de manhã, um colono encontrou dois negros doentes de varíola, diante da porta de sua casa, os quais afirmavam, que pretendiam morrer ali. Quando o colono respondeu que ele não podia permitir isto e chamou o médico, os doentes se negaram a aceitar ajuda e continuavam a afirmar que desejavam morrer. Pelo menos foram carregados para dentro de casa, onde pouca depois, faleceram.

Há mais ou menos quatro meses, passaram por Santa Catarina 76 novos imigrantes, que foram contaminados no Desterro, alastrando-se o mal entre algumas famílias. Não era, felizmente, a varíola, mas sim a varicela, que logo passou sem maiores perigos e não contaminou mais ninguém, entre os colonos, com exceção de uma única mulher.

Notícia de 21 de outubro de 1865:

Dona Francisca. - A produção de araruta de nossa Colônia tomou um impulso animador, comparada com a do ano passado. Não só aumentou o cultivo da araruta, mas também os estabelecimentos para a industrialização da mesma. Além do engenho do senhor von Frankenberg, também os srs. Sauerbeck, na Estrada dos Suíços e Geissler, na Estrada Guiger, instalaram engenhos semelhantes. Esses fabricantes não só beneficiam o seu próprio produto, mas também aceitam as raízes cruas de outros colonos, comprando-as ou beneficiando-as, contra determinada parte do polvilho obtido. Bons tubérculos, postos no engenho, foram pagos pelos srs. Frankenberg e Sauerbeck à razão de 10 Réis por libra, e pelo

sr. Geissler à razão de 15 Réis por libra. O Sr. Geissler se encarrega do beneficiamento, ficando com a metade do produto, isto é, ele calcula um rendimento de 18%, de modo que o colono recebe 9 libras de polvilho para cada 100 libras de raízes entregues e assim a libra de raízes cruas sai a 15 Réis. O sr. Geissler pretende aumentar a sua indústria no próximo ano e então concederá condições mais favoráveis para quantidades maiores, por exemplo, a metade do transporte corre por conta da indústria. Proximamente o sr. Geissler começará o fabrico de tapioca e para este fim comprará também aipim de dois e três anos, para o que chamamos a atenção dos plantadores. Como a araruta já se transformou em artigo de exportação, lucrativo e de boa aceitação - o que há muito almejávamos - está no interesse dos colonos, aumentar o mais possível o cultivo da araruta, para auferirem vantagens reais, que somente a produção em grande escala poderá trazer.

Notícia de 14 de outubro de 1865:

Dona Francisca. - O sr. Kalotschke, de "Neudorf", Estrada de Blumenau, acionou a sua nova prensa para óleo e nos trouxe provas de seu fabrico: azeite de colza e bolo de azeite. O referido senhor tritura um alqueire de sementes em uma hora e vende o azeite a 500 Réis a garrafa. Pretende ele também moer sementes de amendoim e de rícino, organizando o fabrico de maneira que os colonos, ao trazerem os frutos, possam esperar o beneficiamento na hora, mediante o pagamento de pequena quantia pelo trabalho. Seria aconselhável que os colonos se dedicassem mais ao cultivo de frutos oleosos, pelo menos para o seu próprio consumo. Cada um pode ter um certo número de pés de mamona, quase sem trabalho, além de suas plantações, de modo que grande quantidade de dinheiro até agora dispendido para compra de azeite e óleo de peixe, poderá ficar aqui na Colônia, Calculando-se que cerca de 800 famílias gastam em média meia garrafa de óleo ou azeite de peixe por semana, o que representa uma despesa de 13 vintens, chegaremos à soma de 13\$520 Réis anuais por família ou seja 10:816\$000 Réis anuais pela totalidade da Colônia - importância esta que futuramente poderemos reter aqui entre nós.

----- X -----

A coleção completa do "Kolonie-Zeitung" faz parte do acervo do Arquivo Histórico de Joinville.

\* D. Rosa Herkenhoff - professora de francês em vários colégios no Rio de Janeiro e São Paulo. Nasceu a 01/08/1900 e faleceu a 11/07/1983.

AHJ, Jlle., 2(4) abril, 1985.